

**O ESTRESSE DO PROFESSOR: estudo acerca da corporeidade em profissionais da educação básica**

**TEACHER OF STRESS: study about corporality in professionals of basic education**

**EL ESTRÉS DEL PROFESOR: estudio acerca de la corporeidad en profesionales de la educación básica**

**Luiz Anselmo Menezes Santos**

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Professor Associado do Departamento de Educação Física e Colaborador do Programa de Pós-graduação em Educação da UFS. Coordenador do grupo de pesquisa Formação e Atuação de Educadores – INTERAÇÃO. [anselmomenezes@ufs.br](mailto:anselmomenezes@ufs.br)

**Viviane Menezes Vidal**

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Integrante do grupo de pesquisa Formação e Atuação de Educadores – INTERAÇÃO. [viviane.mv18@gmail.com](mailto:viviane.mv18@gmail.com)

**Recebido para avaliação em 23/02/2017; Aceito para publicação em 16/05/2017.**

**RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo investigar como professores que atuam no ensino fundamental da educação básica da rede pública de Aracaju lidam com os fatores estressantes no exercício da docência como: a falta de reconhecimento profissional, poucas horas de descanso, má alimentação, insatisfação, tensão, ansiedade, dentre outros problemas que ocasionam a elevação do nível de estresse, chegando ao esgotamento físico. Para tanto, realizamos uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, com a utilização de questionários e registro das condições de trabalho, com o intuito de saber qual a visão de corpo dos docentes e como eles percebem sua corporeidade. A partir do que constatamos na análise dos dados, pode-se concluir que os resultados são relevantes, já que a maioria dos pesquisados reclamam das condições de trabalho, da má remuneração, sentem desgaste físico constante, sentem o corpo cansado, dolorido, pesado ou tenso. Poucos fazem alguma atividade física, sentem-se pessoas estressadas, não conhecem nenhum método de relaxamento. Portanto, pode-se concluir que a maioria dos professores investigados apresentam os fatores estressantes descritos na literatura, bem como demonstram possuir diferentes visões de corpo, prevalecendo ainda uma concepção psicofísica, dualista e mecânica do corpo.

**Palavras-chave:** Corporeidade; Docência; Estresse Ocupacional; Educação Básica.

**ABSTRACT**

This study aims to investigate how teachers working in elementary school of basic education Aracaju from public deal with the stressors in the teaching profession as the lack of professional recognition, a few hours of rest, poor diet, dissatisfaction, stress, anxiety, among other problems that cause the high level of stress, even to exhaustion. Thus, we performed a descriptive, qualitative approach, using questionnaires and record of working conditions, in order to know which body view of teachers and how they perceive their corporeality. From what we see in the data analysis, it can be concluded that the results are relevant, since the majority of respondents complain about working conditions, poor pay, feel constant physical stress, feel the body tired, aching, heavy or

tense. Few do some physical activity, they feel stressed people do not know any method of relaxation. Therefore it can be concluded that most teachers investigated presents stressful factors described in the literature and shown to possess different body views, still prevailing psychophysical design, dualistic and streamlined body.

**Keywords:** Corporality; Teaching; Occupational Stress; Burnout.

### **RESUMEN**

El presente estudio tiene como objetivo investigar cómo los profesores que actúan en la enseñanza fundamental de la educación básica de la red pública de Aracaju lidian con los factores estresantes en el ejercicio de la docencia como: la falta de reconocimiento profesional, pocas horas de descanso, mala alimentación, insatisfacción, tensión, ansiedad, entre otros problemas que ocasionan la elevación del nivel de estrés, llegando al agotamiento físico. Para ello, realizamos una investigación descriptiva, de abordaje cualitativo, con la utilización de cuestionarios y registro de las condiciones de trabajo, con el fin de saber cuál es la visión de cuerpo de los docentes y cómo perciben su corporeidad. A partir de lo que constatamos en el análisis de los datos, se puede concluir que los resultados son relevantes, ya que la mayoría de los encuestados reclaman de las condiciones de trabajo, de la mala remuneración, sienten desgaste físico constante, sienten el cuerpo cansado, dolorido, pesado o pesado (En inglés). Pocos hacen alguna actividad física, se sienten personas estresadas, no conocen ningún método de relajación. Por lo tanto, se puede concluir que la mayoría de los profesores investigados presentan los factores estresantes descritos en la literatura, así como demuestran poseer diferentes visiones de cuerpo, prevaleciendo aún una concepción psicofísica, dualista y mecánica del cuerpo.

**Palabras clave:** Corporeidad; Docencia; Estrés Ocupacionales; Educación Básica.

---

## **INTRODUÇÃO**

Não há como negar que o estresse vem sendo um dos grandes problemas dos tempos modernos. A vida corrida, o desrespeito aos horários de comer, dormir, descansar, sem reservar tempo algum para o lazer, tudo isso resulta em fadiga crônica ou o famoso estresse. Mesmo sendo um problema crescente que se vêm dando maior atenção e que vem atingindo a classe trabalhadora em grande parte, os estudos sobre o estresse ocupacional não são ainda suficientes para que os efeitos causados por ele sejam minimizados. Uma das classes trabalhadoras que vem sendo constantemente atingida e que iremos abordar em nosso estudo é a categoria dos docentes. Muitos estudos estão sendo feitos para ressaltar como esta categoria vem sendo fortemente acometida pelos sintomas do estresse.

Professor é uma profissão louvável, que merece respeito e consideração pela nobre missão, de quem a exerce, de transmitir seus conhecimentos aos alunos. Infelizmente, ocorreu uma deterioração das condições da formação e da prática profissional do professorado do Brasil, hoje tão desvalorizado no próprio universo acadêmico, na mídia e na sociedade em geral. Diversos trabalhos na literatura mundial mostram que ser professor é uma das profissões mais estressantes na atualidade (MELEIRO, 2002, p. 15).

Estes estudos estão voltados para compreender os efeitos externos e internos causados pelo estresse no exercício da docência, abrangendo profissionais da licenciatura em diferentes áreas, tais como: Geografia, Pedagogia, Educação Física. Na literatura sobre os professores, podemos observar que essa profissão vem sendo considerada uma das profissões mais estressantes da atualidade. Meleiro (2002) evidencia algumas fontes do estresse do professor, como as temperaturas elevadas das salas de aula, a iluminação inadequada, o barulho interno intenso, o número excessivo de alunos, as atividades extraclasse, dentre outros fatores que demandam um maior esforço e sobrecarregam os professores.

Na atualidade, o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, o que era comumente esperado. Ampliou-se a missão do profissional para além da sala de aula, a fim de garantir uma articulação entre a escola e a comunidade. O professor, além de ensinar, deve participar da gestão e do planejamento escolares, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende às famílias e à comunidade (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, p. 191).

Segundo Meira (2002), o estresse só existe porque o homem o toma para si, alimentando-o e carregando-o consigo por onde passa, e muitas vezes afetando quem cruza seu caminho. O estresse seria um conjunto de reações que temos quando acontece algo que nos amedronta, irrita, excita ou nos deixa muito felizes.

Num olhar pouco criterioso, é possível apontar o tempo como o grande vilão, e o stress, por sua vez, num olhar desprovido de critérios, seria o sintoma da sociedade moderna, que carrega em seu bojo situações de competitividade, de ritmo acelerado, de tempo escasso, e na qual a criatividade busca vencer barreiras, exigências financeiras, violência urbana, distorção ética, entre tantos outros fatores (MEIRA, 2002, p. 29-30).

Segundo Nunes (2002), o estresse é um estado geral de tensão também fisiológica e que tem uma relação direta com as demandas do ambiente. O estresse ocupacional do professor, por exemplo, constitui-se em experiência individual, extremamente desagradável, associada a sentimentos de hostilidade, tensão, ansiedade, frustração e depressão, desencadeados por estressores localizados no ambiente de trabalho.

Dentre os fatores contribuintes para o stress ocupacional do professor encontram-se os conteúdos curriculares (na formação do profissional) dissociados da demanda, a falta de capacitação para lidar com questões pertinentes ao próprio trabalho, a necessidade de manutenção da disciplina entre os alunos, a sobrecarga de trabalho extraclasse, o trato e as relações interpessoais com os colegas também professores, o clima organizacional da escola, as condições impróprias para o exercício do magistério e o volume de carga

cognitiva comumente identificado nas atividades típicas do posto de trabalho docente (NUNES, 2002, p. 83).

Podemos observar que o estresse vem causando diversos problemas na vida das pessoas e, para o professor, não é diferente. A sua dedicação, às vezes demasiada, causa uma entrega engajada ao trabalho e, por muitas vezes, o não reconhecimento dessa dedicação causa desilusão, raiva, frustração, diminuição na produtividade.

A sociedade constantemente produz valores, crenças, padrões, os quais são construídos culturalmente. Entretanto, este fenômeno está ligado ao interesse de se ter um controle social, o que acaba levando o ser humano apenas a reproduzir a cultura da qual faz parte, por não estar consciente das influências da estrutura social. Com isso, não consegue se perceber como um sujeito capaz de transformar o seu contexto social e sua própria vida.

Portanto, para reduzir os agentes estressantes, é preciso compreender sua essência e seus mecanismos e, ao mesmo tempo, procurar aumentar a resistência ao estresse, melhorando, assim, a saúde.

No presente estudo, buscamos abordar, através da literatura e de questionários, como os professores de diversas áreas da educação básica vêm enfrentando as situações decorrentes do ambiente escolar, como lidam com o estresse, com a sua consciência de corporeidade, como enfrentam o exercício diário da docência, tudo isso para tentar abordar como o trabalho docente vem se tornando uma profissão que demanda de vários outros aspectos, podendo levar o docente até a apresentar altos níveis de estresse.

## **O DESAFIO DO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA**

Com o decorrer dos tempos, a profissão docente vem sofrendo com as mudanças no papel do professor e da escola. Em meio à falta de remuneração considerável, ao aumento das responsabilidades impostas ao professorado, bem como aos crescentes papéis sociais da escola, dentre outros fatores e aspectos determinantes na situação atual do professor, a profissão que em outros tempos fora de tanto prestígio e respeito hoje já não é mais.

O aumento das responsabilidades e exigências projetadas sobre os educadores coincide com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social, o qual tem sido traduzido em uma modificação do papel do professor. A sociedade moderna tem exigido dos trabalhadores da educação desempenhos cada vez mais qualificados e eficazes para conviver com as contradições e os problemas da sociedade globalizada, que se refletem na escola (CARLOTTO, 2010, p. 25).

Desta forma, podemos constatar que a docência nos dias atuais vem sendo umas das profissões mais exigidas com crescentes desafios e responsabilidades. A questão inicial a ser colocada é a maneira como docente está envolvido no ambiente escolar. Atualmente, os professores, de um modo em geral, são obrigados a lidar com comportamentos inapropriados dos alunos, tais como: violência, malcriações, desrespeitos, desmotivação e desinteresse. Diante desta realidade, pode-se constatar que o professor está sendo compelido a atuar em um volume de novas responsabilidades que impedem o cumprimento do seu papel inicial e fundamental que é a aprendizagem e a educação.

Há hoje [na escola] um excesso de missões. A sociedade foi lançando para dentro da escola muitas tarefas – que foram aos poucos apropriadas pelos professores com grande generosidade, com grande voluntarismo –, o que tem levado em muitos casos a um excesso de dispersão, à dificuldade de definir prioridades, como se tudo fosse importante. Muitas das nossas escolas são instituições distraídas, dispersivas, incapazes de um foco, de definir estratégias claras. E quando se enuncia cada uma dessas missões ninguém ousa dizer que não são importantes. Mas a pergunta que se deve fazer é: a escola pode fazer tudo? É preciso combater esse “transbordamento”. Tudo é importante, desde que não se esqueça que a prioridade primeira dos docentes é a aprendizagem dos alunos (NOVOA, 2007, p. 06).

Outro desafio da profissão docente é a formação centrada nas práticas. Os professores novos em sua formação são colocados em meio a milhões de teorias, porém falta-lhes a ligação com as práticas. Segundo Nóvoa (2007, p. 14), a formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como. Têm o corpo e a cabeça cheios de teoria, de livros, de teses, de autores, mas não sabem como aquilo tudo se transforma em prática, como aquilo tudo se organiza numa prática coerente.

Juntamente a essa situação da formação docente, vem a questão de como os professores novatos são tratados pelos mais experientes.

Como cuidamos dos jovens professores? O pior possível. Eles vão para as piores escolas, têm os piores horários, vão para as piores turmas, não há qualquer tipo de apoio. Eles são “lançados às feras” totalmente desprotegidos. E nós fazemos de conta que o problema não é conosco. É um problema talvez do Estado, talvez de alguém, das autoridades, mas não um problema nosso. Mas este é, sim, um problema nosso e dramático da profissão. Porque se não formos capazes de construir formas de integração mais harmoniosas, mais coerentes desses professores, nós vamos justamente acentuar nesses primeiros anos de profissão dinâmicas de sobrevivência individual que conduzem necessariamente a um fechamento individualista dos professores. É um problema dramático da organização da profissão: o modo como nos organizamos na escola, como nos

organizamos com os colegas e como integramos os jovens professores. Se não for possível resolver isso, haverá muita dificuldade em resolver muito dos outros problemas que temos pela frente (NÓVOA, 2007, p. 14).

As palavras acima, de certo modo, resumem os tantos desafios dos professores. Desafios esses que, se não forem cuidados agora, na formação dos jovens professores e na reciclagem dos mais experientes, só tendem a piorar a situação dos docentes, levando a uma total falta de credibilidade da profissão, e, assim, sendo ainda mais banalizada pela sociedade e pelo Estado, causando um verdadeiro caos à educação. É necessário buscarmos melhorias, tanto para condições de trabalho, para salários mais justos, quanto para nossa própria formação. É imprescindível estarmos preparados para os desafios que a profissão docente nos propõe.

## O ESTRESSE NA VIDA DO PROFESSOR

Podemos perceber nas leituras sobre o professor que essa profissão vem sendo considerada uma das profissões mais estressantes da atualidade.

Nos últimos anos tem-se assistido, a nível mundial, a um aumento progressivo do uso do termo *stresse* associado a diferentes domínios e áreas do funcionamento humano. Os meios de comunicação social comprovam diariamente este facto, retratando o tema nas suas mais variadas facetas, relacionando-o com diversos factores, como sejam, o excesso de trabalho, a instabilidade profissional, a necessidade de aumentos de produtividade e sucesso em mercados cada vez mais exigentes, os conflitos de interesses entre a família e o trabalho, as pressões sociais, as relações interpessoais, etc. (GOMES et al., 2006, p. 68).

Segundo Carlotto (2010), na atualidade, o ofício de professor, independentemente do nível de ensino em que ele atue, da escola ser pública ou privada, está configurando-se como uma profissão alvo de inúmeros fatores de estresse devido aos diversos fatores psicossociais presentes no seu contexto de trabalho.

De acordo com Meleiro (2002), a classe de alunos não possui apenas uma criança, e o número de situações pode levar ao professor um desgaste tanto físico como emocional, diminuindo o prazer com o trabalho.

A insatisfação e a falta de perspectiva de crescimento desestimulam os professores, que passam a ver a escola e suas atividades como um fardo pesado e sem gratificação pessoal, minguando suas forças internas motivacionais no dia-dia [sic]. O resultado é queda no desempenho, frustração, alteração de humor e consequências físicas e mentais (MELEIRO, 2002, p. 19).

Na concepção de Meira (2002), determinar o ritmo, buscar metas para a produção, competir de forma saudável e, até mesmo, se deliciar com a ansiedade são coisas necessárias, pois, se isso não acontece, as pessoas teriam apatia e falta de motivação, o que causaria outros problemas, talvez mais agravantes que o próprio estresse.

Meleiro (2002) afirma que as condições de trabalho em escolas, tanto públicas quanto particulares, deixam a desejar, não oferecem material necessário para as aulas, impedindo, desta forma, que os professores tomem iniciativas criativas, devido à demanda de recursos financeiros, dos quais a escola acaba não disponibilizando dando prioridade a outros recursos. Os professores são levados ao desestímulo, insatisfação e falta de perspectivas de crescimento profissional, passando a encarar a escola e suas atividades como um fardo pesado, resultando em frustração, queda de desempenho no trabalho, falta de motivação, alteração de humor, podendo levar até a consequências físicas e mentais.

Diversos professores do ensino fundamental, tanto de escolas particulares quanto de escola pública, tem se referido a um novo fator estressante: a meta. O Ministério da Educação e Cultura está empenhado em reduzir o índice de analfabetismo no Brasil, além de elevar a escolaridade dos brasileiros. Para tanto, a ordem é não reprovar nenhum aluno (MELEIRO, 2002, p. 19).

Segundo Lipp e Malagris (2001), o cuidado com a escola e com os que fazem parte dela, dos processos que nela acontecem, é uma das responsabilidades dos pesquisadores. Apontar aos responsáveis de forma científica as estratégias comprovadas como eficientes é um ato de compromisso social que não deve ser ignorado. Enfim, as pesquisas, em longo prazo, devem contribuir para que se melhore a qualidade de vida de todos que fazem o ambiente escolar e que tais melhoras ultrapassem de tal forma os muros das escolas.

## **A CORPOREIDADE DO PROFESSOR**

O corpo, até os dias atuais, é discutido como algo fragmentado, dissociado de algo que funciona como um todo. Há uma cisão no que se diz respeito a corpo e mente, e isso, de fato, é uma herança do pensamento cartesiano, que sempre influenciou a sociedade e o sistema educacional, fomentando a visão reducionista, psicofísica, dualista e simplificada. Dessa forma, desconsiderando outros aspectos da vida, como a sensibilidade, a emoção, a intuição, o sentimento e a corporeidade.

A visão de Merleau-Ponty é que o corpo não é algo só material, que não tem movimento próprio; para ela, somos o corpo, um ser no mundo, uma unidade existencial, na qual não há separação entre psiquismo e biológico. Pode-se

considerar que nós não somos apenas um corpo biológico. Somos um corpo muito mais complexo, que se manifesta, expressa-se, identifica-se, comunica-se e cria; um corpo no mundo capaz de tomar suas próprias decisões diante da vida, e ser consciente; um corpo repleto de significado, cultura, ideologia. (SANTOS; CAMINHA; FREITAS, 2012, p. 89).

No entanto, juntamente ao processo de rompimento na visão do ser humano, existe também outra perspectiva, a Fenomenologia de Merleau-Ponty. Este filósofo traz uma concepção de corpo inovadora e diferente, na qual se opõe a perspectiva cartesiana e dualista, e se baseia nas relações corpo-espírito, como uma unidade relacional. Assim afirma Merleau-Ponty (1999), portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa.

Segundo Santos, Caminha e Freitas (2012), a visão de Merleau-Ponty é que o corpo não é algo só material, que não tem movimento próprio; para ele, somos o corpo, um ser no mundo, uma unidade existencial, na qual não há distanciamento, nem oposição entre psiquismo e a dimensão biológica. Pode-se considerar que nós não somos apenas um corpo biológico. Somos um corpo muito mais complexo, que se manifesta, expressa-se, identifica-se, comunica-se e cria; um corpo no mundo capaz de tomar suas próprias decisões diante da vida e ser consciente; um corpo repleto de significado, cultura e ideologias.

É nesse sentido que a prática pedagógica precisa ser orientada por um princípio educativo, que nos incentive a meditar e a refletir sobre as consequências dos fatos, das próprias ações, do próprio sentir. Um aprendizado de vida, na responsabilidade humana, da construção da própria vida. Todos nós somos aprendizes, em relação a ele, constantemente somos desafiados a nos tornar mais plenamente sujeitos de nossa própria história, sujeito de nosso próprio discurso cultural (SANTOS; CAMINHA; FREITAS, 2012, p. 111).

O modo de vida que os professores levam, sem dúvida, afeta diretamente em suas relações e na forma como desempenham suas atividades laborais. Ao observarmos o que esses profissionais passam no dia a dia, podemos compreender os sentidos e significados que estão envolvidos para a construção de uma dimensão subjetiva e como esta dimensão se relaciona com o mundo. Os profissionais atuantes na área da educação possuem uma percepção de corpo reducionista e fragmentada. Portanto, aqui buscaremos tratar essa percepção como algo a ser superado, destacando aspectos que vão além de dados empíricos e objetivos, uma visão de corpo mais completa.



Para Merleau-Ponty (1999), o organismo é considerado como uma estrutura que não se decompõe, cujas ações e reações são unificadas. Sendo assim, o organismo nunca é um sistema à parte da consciência, mas é o próprio sentido de vida.

Conforme Santos, Caminha e Freitas (2012), cada organismo reage de maneira própria ao estímulo proposto pelo meio, a necessidade de recorrer a um fator motivacional impõe-se. Logo, podemos afirmar que a forma como um organismo se comporta é uma atividade global que aceita diversos posicionamentos, que é o fundamento ou o princípio da unidade e do sentido de uma ação.

De acordo com Merleau-Ponty (1999), a forma de se pesquisar o fisiológico é somente uma maneira para que o organismo seja interpretado. Diante dessa conceituação de Merleau-Ponty, não se pode admitir a realização de investigações sobre a motricidade sem levar em consideração o conhecimento das condições globais que provêm do comportamento, pois, desconsiderando esses aspectos, será impossível realizar o estudo das condutas motoras. O organismo ao se movimentar, ou melhor dizendo, os movimentos dos organismos nesta perspectiva tornam-se mais que a manifestação de contrações musculares de um corpo, passam a ser compreendidos como respostas globais orientadas pelo que significam.

Ver-se-á que o corpo próprio se furta, na própria ciência, ao tratamento que a ele se quer impor. E, como a gênese do corpo objetivo é apenas um momento na constituição do objeto, o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam a seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 110).

Dessa forma, a interdependência entre o meio e o organismo se encontra, estabelecendo, assim, uma relação entre o que são características intrínsecas do ato com outras que se manifestam nas realidades que o organismo vive. Para a compreensão desta questão, o autor utiliza a denominação “estrutura de significação”, cujo elemento do mundo fomenta um sentido no comportamento do indivíduo, explicitando a modalidade da sua resposta. Diante disso, torna-se possível que os movimentos, objetivamente semelhantes comuns, manifestem sentidos e significações diversos ao se relacionarem a estruturas privadas da experiência que cada indivíduo vive; em contrapartida, comportamentos motores (exterior) poderão traduzir a mesma estrutura de significação. Desta maneira, Merleau-Ponty pôde identificar a dependência de ambos (o indivíduo e o mundo), comprovando, assim, a relevância do meio social revelada no campo psicológico.

A visão de Merleau-Ponty é que o corpo é algo além do material, do que se considera objetivo, que não possui um movimento próprio. Para este estudioso, somos o corpo, um ser no mundo, uma unidade existencial, na qual não existe separação entre o que consideram psiquismo e biológico. Não somos, portanto, apenas um corpo biológico, mas de certo somos algo muito mais além, um corpo muito mais complexo, que expressa-se, manifesta-se, identifica-se, comunica-se e também cria um corpo no mundo e que age neste, sendo capaz de tomar decisões próprias diante da vida, agindo de maneira consciente, um corpo repleto de sentidos e significações, ideologia e cultura.

Há, portanto, necessidade de se fazer uma distinção entre o Corpo Objeto ou Objetivo e o Corpo Próprio ou Fenomenal. O corpo objetivo é visto como um organismo fisiológico, aquele de que a anatomia e a fisiologia nos falam e do qual nos distanciamos, vendo-o como objeto que obedece a leis físicas e fisiológicas. O corpo fenomenal é vivenciado por nós enquanto expressão e realização de nossas intenções, desejos e projetos. Neste sentido, percebemos o nosso corpo próprio como um espaço expressivo que nos possibilita comunicar com o mundo e o outro (SANTOS; CAMINHA; FREITAS, 2012, p. 89).

Assim, podemos concluir que o corpo, diante da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, é um organismo como um todo e não fragmentos de um todo, um corpo cheio de subjetividade e expressão, que não é objetivo, biológico, mecânico e fragmentado, mas que se encontra em uma teia de significações. Por fim, em nossa pesquisa buscamos abordar esse corpo fenomenal, voltado para os profissionais da educação, com intuito de apontar como esses profissionais vêm lidando com a sua corporeidade também.

## **METODOLOGIA**

No presente estudo utilizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritiva. Para Moreira e Caleffe (2008), na pesquisa descritiva, seu valor está baseado na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas através da observação objetiva e minuciosa da análise e da descrição. Pesquisar é o ato de utilizar procedimentos formais cuja finalidade é conhecer a realidade ou descobrir verdades parciais. Vai além do que se procura, além da verdade, pesquisar é encontrar respostas para o que se propõe como questionamento, utilizando métodos científicos.

Pelo fato de envolver perspectivas reais de sujeitos concretos, este estudo configura-se, ainda, no âmbito das ciências humanas, com uma abordagem qualitativa e quantitativa, abordando as características dos indivíduos através de questionários. Com perguntas objetivas e subjetivas, questionamos os professores sobre: a formação acadêmica

e a jornada de trabalho; a relação com o próprio corpo e como cuidam dele; o nível de satisfação deles em sala de aula e com ambiente de trabalho; e o como lidam com o estresse.

Os passos que seguimos para o levantamento da pesquisa foram: a determinação dos objetivos da pesquisa; a delimitação da amostra dos pesquisados; a coleta de dados; análise e interpretação dos dados; e a apresentação dos resultados e discussões.

As escolas e as salas de aulas têm servido como locais para coleta de dados sobre padrões de comportamento dos alunos, interação professor/alunos, aluno/aluno, atributos pessoais de alunos e professores, metodologias de ensino, etc. Desta forma, esta pesquisa também busca abordar a relação do professor com o ambiente escolar, com seus alunos e com tudo que está ao seu redor e que o afeta direta e indiretamente.

Segundo Ludke e André (1986), o “significado” que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos, há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo.

Assim, as conclusões desta análise serão apresentadas como respostas aos questionamentos da própria pesquisa, juntamente a estas estarão presentes os comentários dos pesquisadores, explicitando as implicações.

De acordo com Moreira e Caleffe (2008), as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título, e uma de suas características mais significativas é a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. Nesse caso, analisaremos as características de um grupo, ou seja, de professores da educação básica de escolas públicas da cidade de Aracaju/SE e a existência de variáveis comuns entre os analisados.

As escolas da rede pública de Aracaju foram selecionadas a partir do critério de indícios de afastamento do trabalho em cada escola. Foram entregues dez questionários, contendo vinte e três questões. Através dos questionários, buscamos analisar ou identificar quantos docentes apresentam questões ligadas ao burnout ou ao estresse em sala de aula, quais buscaram remediação e quais estão se prevenindo. Todas as questões presentes no questionário estão voltadas para o exercício da docência e a corporeidade. Nesse sentido,

os instrumentos utilizados para elaboração e análise da pesquisa foram questionários produzidos pelos pesquisadores.

Inicialmente fizemos a seleção das escolas que provavelmente participariam de nossa pesquisa. Após fazer esse delineamento, antes de visitar as escolas, entramos em contato com a direção e coordenação para saber da possibilidade de realização da pesquisa. Com a liberação, iniciou-se o processo de visitação e entrega dos questionários aos professores das escolas selecionadas. Apesar de algumas dificuldades a respeito da devolução desses questionários, conseguimos entregar e receber todos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a coleta de dados, fizemos a análise de modo estatístico utilizando gráficos e tabelas. Para tanto, utilizamos os *softwares Microsoft Office Excel 2010 e Microsoft Word 2010*, para apuração dos resultados, levando em consideração a população estudada. Em seguida, fizemos a análise das variáveis que norteiam a presente pesquisa a partir do referencial teórico descrito.

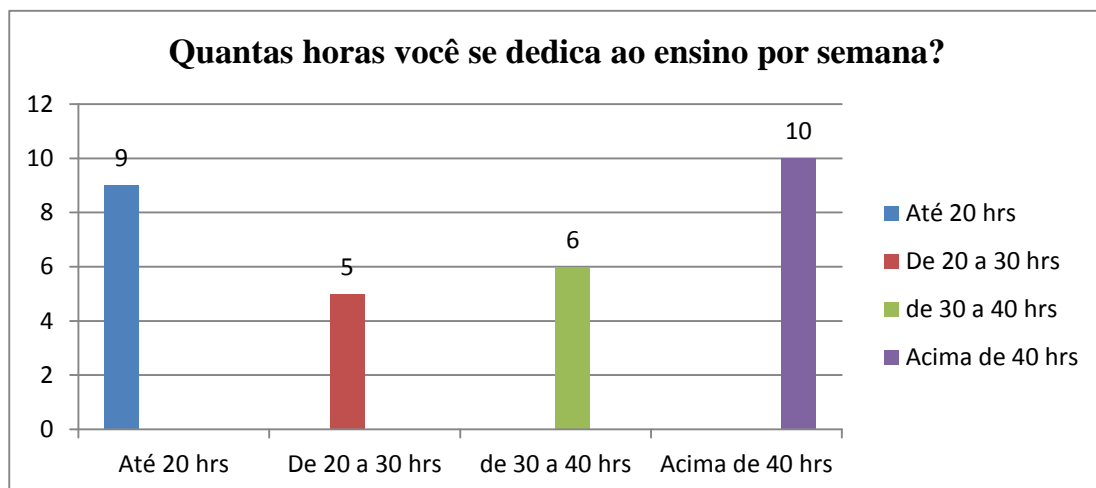


Gráfico 1 – Quantas horas você se dedica ao ensino por semana?  
Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

No Gráfico 1 procuramos identificar o tempo que os docentes dedicam às atividades de ensino semanalmente, nessa categoria serve para verificarmos como é a jornada de trabalho enfrentada pelos professores respondentes desta pesquisa. Sendo assim, alguns se dedicam ao ensino entre 30 a 40 horas semanais, alguns ultrapassam essa carga horária de 40 horas semanais, outros estão entre menos de 20 e de 20 a 30 horas semanais de dedicação ao ensino. Esses dados são comumente dedicados em horas diárias

em sala e preparação de aulas. Sendo assim, essa categoria nos mostra um dos fatores mais relevantes que leva à fadiga crônica, que é o alto número de carga horária de trabalho, ou melhor dizendo, a sobrecarga de trabalho. Assim, afirma Carlotto (2010), a sobrecarga de trabalho ocorre quando a quantidade de trabalho é grande para ser desenvolvida em pouco tempo, tendo o indivíduo escassos recursos para fazê-lo, sendo essa uma das mais notáveis indicações de desequilíbrio entre a pessoa e seu trabalho.

O que explicitamos, até então, aparece fortemente na citação acima, pois a carga horária de trabalho não ocorre apenas na sala de aula, ocorre também na preparação dos planejamentos anuais, semestrais, nos planos de aula, projetos escolares, trabalhos burocráticos, atendimento de aluno fora da aula, reuniões com professores e gestão escolar, enfim, são fatores que se acumulam e sobrecarregam os professores.

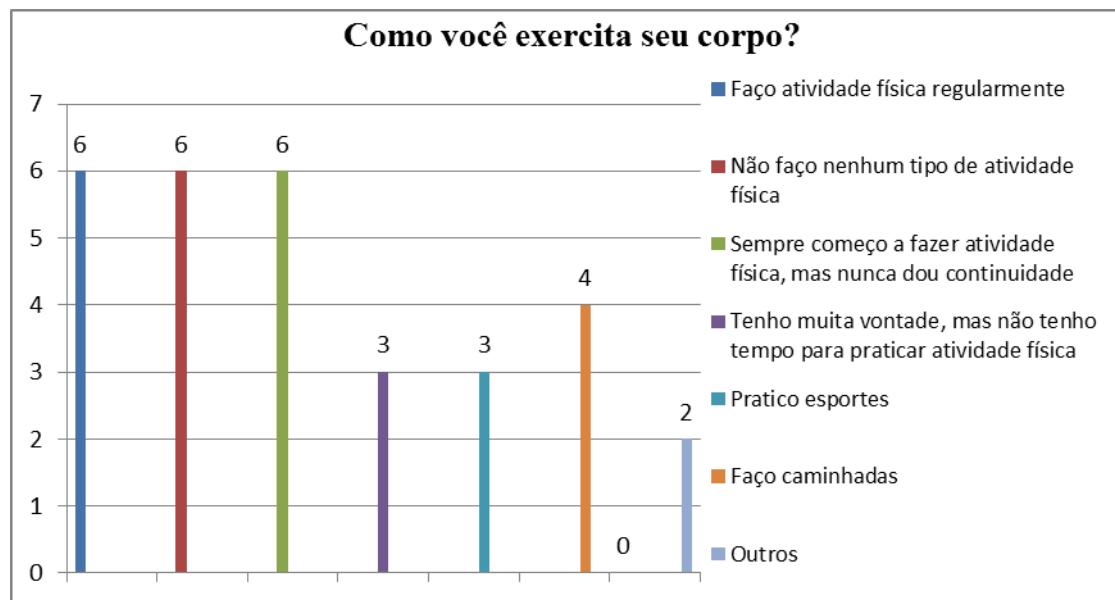


Gráfico 2 – Como você exercita seu corpo?  
Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.



Gráfico 3 – Tomando como parâmetro os últimos 3 meses. Como você descreveria sua condição corporal?  
Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

De acordo com os Gráficos 2 e 3, podemos constatar que três (3) categorias estão com seis (6) professores cada, a primeira categoria classifica-se os que fazem atividades físicas regularmente, a segunda categoria são os que não fazem nenhuma atividade física, e a terceira categoria estão os que sempre começam a fazer atividade física, mas nunca dão continuidade, categorias um tanto quanto distintas. Em terceiro lugar, ficou a categoria dos que fazem caminhadas, com quatro (4) professores. As categorias que ficaram em quarto lugar, com três (3) professores cada, foram as categorias que classificam os que têm muita vontade, mas não têm tempo para praticar atividades físicas e a categoria dos que praticam esportes. Em quinto e último lugar, ficou a categoria “Outros”, com dois (2) professores, na qual se enquadram os que praticavam outras atividades que não constavam nos questionários.

No segundo gráfico, observa-se que duas categorias distintas quase se igualam, a categoria “Cansado e dolorido”, contendo dez (10) professores, e a categoria “Ativo, desperto, vivo”, contendo nove (9). A categoria “Pesado e tenso” apresenta sete (7) professores, a categoria “Leve, fluído e saudável” quatro (4) professores e, por último, a categoria “Outros”, a qual não foi assinalada por nenhum professor. Podemos perceber que, mesmo tendo muitos professores com a condição corporal ativa, ainda são maioria os professores que sentem o corpo cansado, dolorido, pesado ou tenso. É muito provável que o fato de não se exercitarem muito, ou não se exercitarem de maneira correta, possa ter levado esses professores a sentirem seu corpo de maneira pesada e negativa, favorecendo também o aparecimento de doenças.

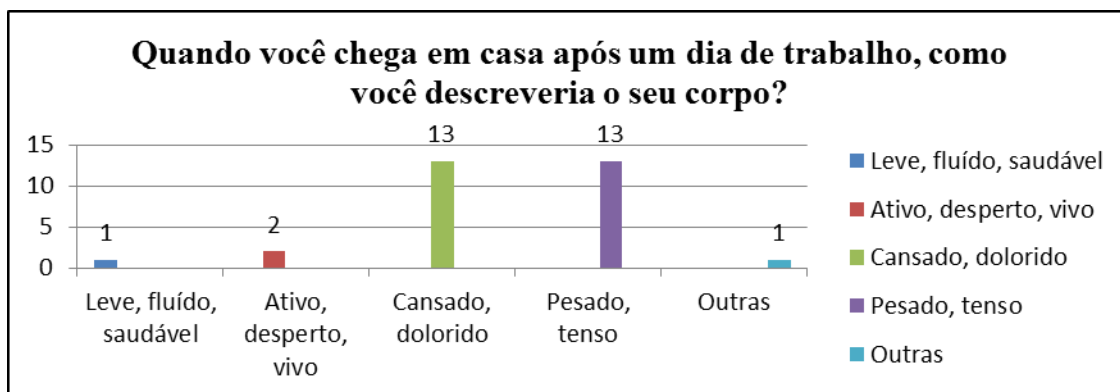


Gráfico 4 – Quando você chega em casa após um dia e trabalho como você descreveria o seu corpo?

Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.



Gráfico 5 – Como você descreveria seu humor no trabalho?

Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

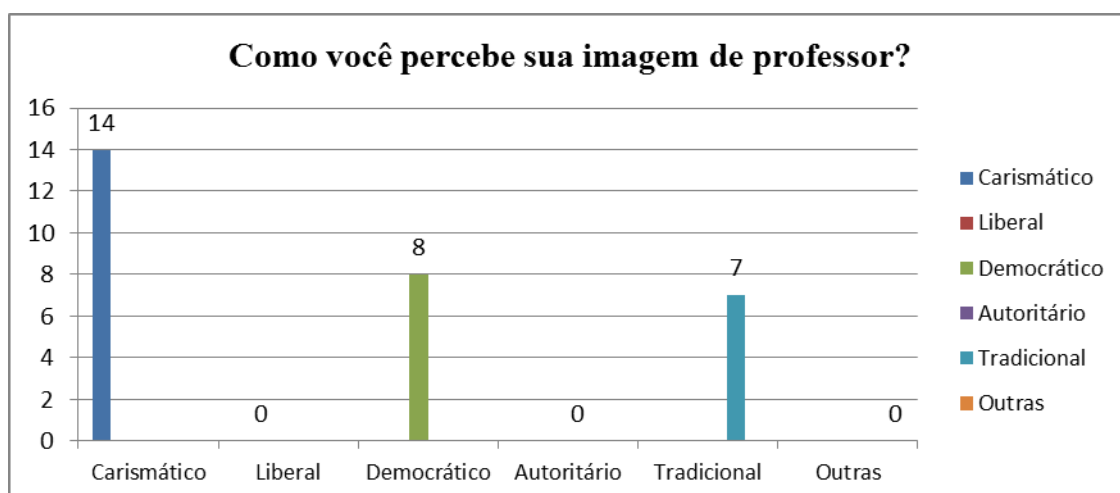


Gráfico 6 – Como você percebe sua imagem de professor?

Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

De acordo com os Gráficos 4, 5 e 6, identificamos o nível de estresse que os professores estão apresentando. No primeiro questionamento, a grande parte assinalou

que, após um dia de trabalho, consideram seu corpo como pesado, tenso, cansado, dolorido. No segundo questionamento, eles descreveram o humor no trabalho, a maioria respondeu que procuram tratar as pessoas com educação. No último questionamento, sobre como eles percebem a imagem deles de professor, a maior parte respondeu carismático, outra parte respondeu democrático e a minoria se considera tradicional. As categorias “Liberal”, “Autoritário” e “Outras” não foram assinaladas por nenhum professor. Dessa forma, nessa categoria, identificamos um nível razoável de estresse, principalmente no que se refere ao corpo, nas relações de trabalho e em sala de aula, a percepção deles não revela níveis extremos em relação à situação de estresse.

A questão seguinte trata-se de uma questão aberta, a qual cada professor respondeu de forma individual, de acordo com o ponto de vista de cada um, sem influência alguma dos pesquisadores.

Quadro 1 – Valorização no trabalho para você significa:

ÁREA	Resposta
GEOGRAFIA	Ter condições dignas de trabalho: ambiente limpo, fresco, material didático necessário, respeito.
GEOGRAFIA	Ser reconhecido pelos esforços e desempenho perante à educação.
GEOGRAFIA	Bom ambiente e trabalho; Remuneração justa; Estímulos na carreira.
HISTÓRIA	Ter o trabalho reconhecido. Sempre que possível superar as expectativas em nós depositadas e estar sempre procurando manter nesse ideal.
HISTÓRIA	Respeito e apoio.
HISTÓRIA	Melhor condição de trabalho, estrutura e remuneração.
ARTES VISUAIS	Ser mais bem assistido no local de trabalho, ter amplamente e detalhadamente divulgadas as atividades trabalhadas com os alunos aos familiares, sociedade e afins. E é claro remuneração financeira respeitada, saúde financeira.
PORTUGUÊS	Reconhecimento dos deveres cumpridos e que não posso ser apenas professora mas ser amiga, companheira que está ali para orientando intuito de relação proximal entre professor-aluno, aluno-professor.
LETRAS VERNÁCULAS	Condições de exercer da melhor forma possível sua profissão.
LETRAS PORT-INGLÊS	Boas condições de trabalho; respeito dos alunos e boa remuneração.
PEDAGOGIA E LETRAS PORT.	Desempenhar bem a minha função de educadora e ver os resultados positivos.
PEDAGOGIA E GEOGRAFIA	Ter condições de trabalho: materiais, ambiente limpo e seguro, salário que condiz com a realidade e outros.
LETRAS ESPANHOL E EDUCAÇÃO FÍSICA	Ter a sensação do dever cumprido, ficaria melhor se o salário fosse melhor.
PEDAGOGIA	Que eu seja mais reconhecida e valorizada pelos pais e pela secretaria de educação. E que o governo analise melhor o salário do professor.
PEDAGOGIA	Reconhecimento por parte dos pais e do governo e que quando



	precisarmos de utilizar nossos direitos, esses sejam concedidos sem tanta burocracia.
PEDAGOGIA	Trabalhar em um ambiente amigável, harmonioso, limpo e seguro. O financeiro também conta mas não é o principal.
PEDAGOGIA	Valorização do meu trabalho em sala de aula e melhor salário.
PEDAGOGIA	Remuneração digna.
PEDAGOGIA	Reconhecer os frutos do meu trabalho, elogiando meu desempenho sugerindo alternativas que facilitem meu dia-a-dia.
PEDAGOGIA	Reconhecimento do corpo docente pelo meu esforço e dedicação.
PEDAGOGIA	Ser valorizado pelo seu trabalho, como ser humano e também ter um bom salário.
PEDAGOGIA	Reconhecimento
BIOLOGIA	Tudo. Amo o que faço. Pena os incentivos serem tão pequenos, mas os obstáculos devem ser superados.
BIOLOGIA	Melhores condições de trabalho e remuneração.
FÍSICA	Boas condições de trabalho e salário digno.
FÍSICA	Reconhecimento
FÍSICA	Reconhecimento pela dedicação; Salário melhor.
QUÍMICA	Ser profissional
MATEMÁTICA	Remuneração melhor; Melhor estrutura; Mais segurança.
MATEMÁTICA	Respeito a comunidade local, estudantes e familiares; Valorização salarial.

Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.



Gráfico 7 – Você acha que sua remuneração reflete a satisfação com o trabalho?

Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

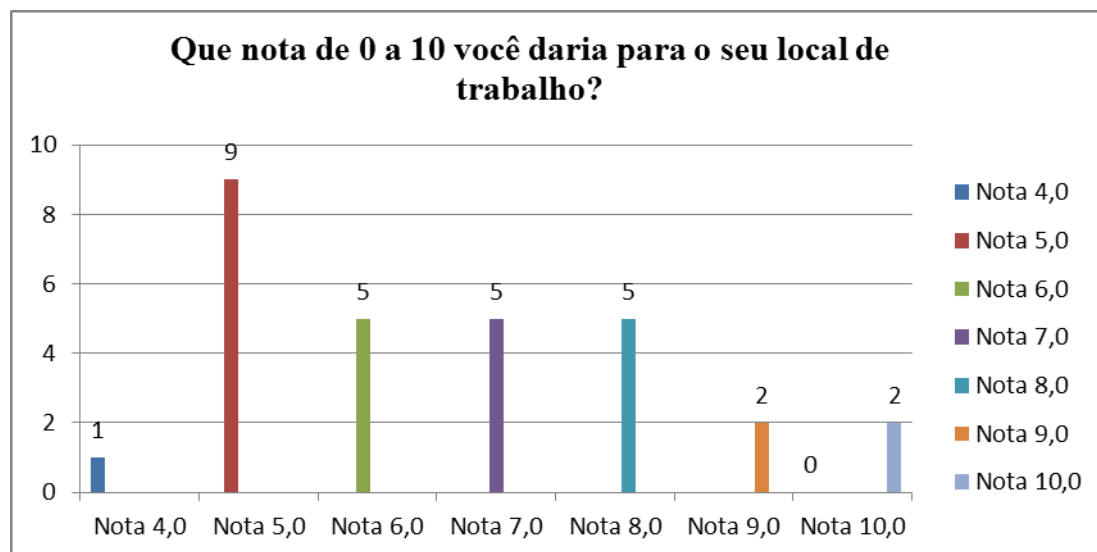


Gráfico 8 – Que nota de 0 a 10 você daria para o seu local de trabalho?

Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

Nos Gráficos 7 e 8 e no Quadro 1, identificamos como os professores estão lidando com a valorização de trabalho, remuneração e situação do local de trabalho. O primeiro questionamento foi feito de maneira subjetiva, no qual a maioria reivindicou vários dilemas do cotidiano docente, como salários melhores, escolas com melhores estruturas, reconhecimento da sociedade e do corpo escolar, segurança, respeito de todos, entre outros. No segundo questionamento, a maioria respondeu que a remuneração deles não reflete a satisfação com o trabalho. No último questionamento, a maior parte deu nota 5,0 para o local de trabalho e o restante ficou entre 6,0 e 10,0. A partir desses dados aqui explicitados, podemos ver o quão os professores necessitam de reconhecimento, tanto da sociedade como um todo, como por parte do governo, através de melhores condições, melhores salários, escolas com boas estruturas.

A jornada de trabalho semanal excessiva é fator que gera incômodo entre os professores. E os baixos salários, associados à precariedade do trabalho docente, impelem os profissionais a assumirem empregos em várias escolas, na tentativa de complementar seus rendimentos mensais (CARLOTTI, 2010, p. 100).

É preciso compreender que a falta de salários dignos, juntamente com tudo que a profissão docente acarreta, age na vida desses professores como fatores desestimulantes, provocando a desmotivação no trabalho, que futuramente poderá ocasionar doenças, levando a perda do sentimento de realização profissional e, conseqüentemente, o afastamento do professor de sua profissão.

A questão a seguir consiste em uma questão aberta, a qual cada professor respondeu de forma individual, de acordo com o ponto de vista de cada um, sem influência alguma dos pesquisadores.

Quadro 2 – O que você faz para relaxar?

AREA	Resposta
GEOGRAFIA	Durmo.
GEOGRAFIA	Ouçõ música.
GEOGRAFIA	Jogo futebol de botão.
HISTÓRIA	Contar até dez e respirar fundo.
HISTÓRIA	Leio; Escuto música; Caminho; Assisto Filmes.
HISTÓRIA	Durmo e procuro ficar com minha família.
ARTES VISUAIS	Durmo; Viajo; Nado; Como bem; Estudo.
PORTUGUÊS	Caminhada com meu cão e leio.
LETRAS VERNÁCULAS	Saio com a família; Ajudo em projetos e vou ao teatro.
LETRAS PORT-INGLÊS	Saio com amigas; Navego na internet.
PEDAGOGIA E LETRAS PORT.	Viajo ou saio para dançar.
PEDAGOGIA E GEOGRAFIA	Faço atividades físicas, academia, caminhada.
LETRAS ESPANHOL	Vejo um bom filme, leio um livro, converso com os amigos.
PEDAGOGIA	Assisto televisão, navego na internet.
PEDAGOGIA	Assisto filmes, ouço música e brinco com meus filhos.
PEDAGOGIA	Viajo e curto o silêncio.
PEDAGOGIA	Exercício físico, leio, passeio com amigas.
PEDAGOGIA	Internet, livros, viagens, baladas, shows, jogos eletrônicos, etc.
PEDAGOGIA	Leio, assisto TV.
PEDAGOGIA	Brinco com meu filho, assisto TV e durmo.
PEDAGOGIA	Leio livros e viajo.
PEDAGOGIA	Ouçõ músicas e tento me distrair com os familiares.
BIOLOGIA	Faço Pilates, artesanatos, além de ficar com a família.
BIOLOGIA	Ir ao cinema.
FÍSICA	Faço esportes.
FÍSICA	Assisto TV.
FÍSICA	Pratico esportes: Futebol, vôlei. Faço caminhadas.
QUÍMICA	Pratico ciclismo; Vou ao clube com a família e descanso.
MATEMÁTICA	Durmo, viajo, vou as festas.
MATEMÁTICA	Ouçõ música; Faço musculação e ando de bicicleta.

Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

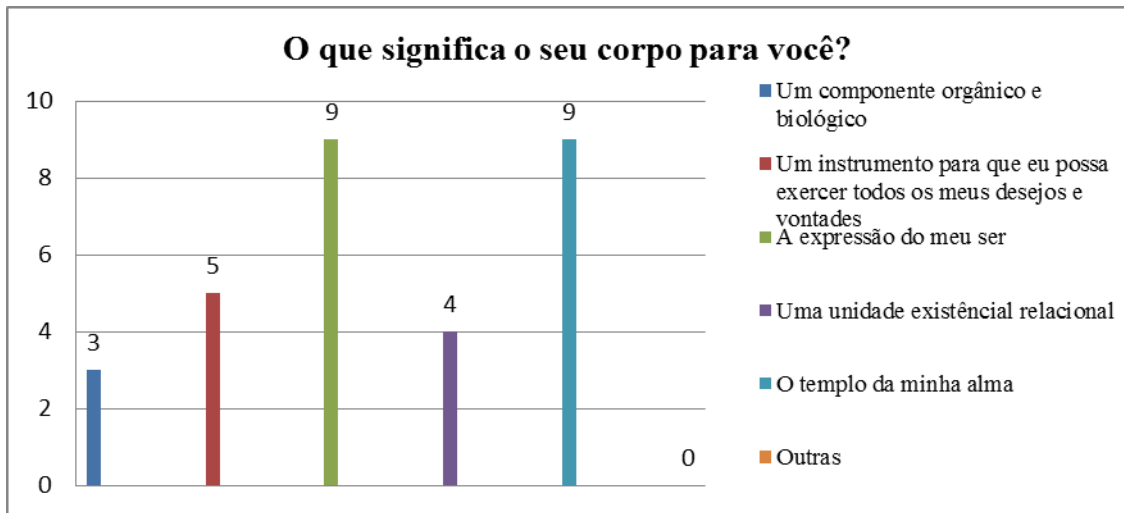


Gráfico 9 – O que seu corpo significa para você?  
 Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

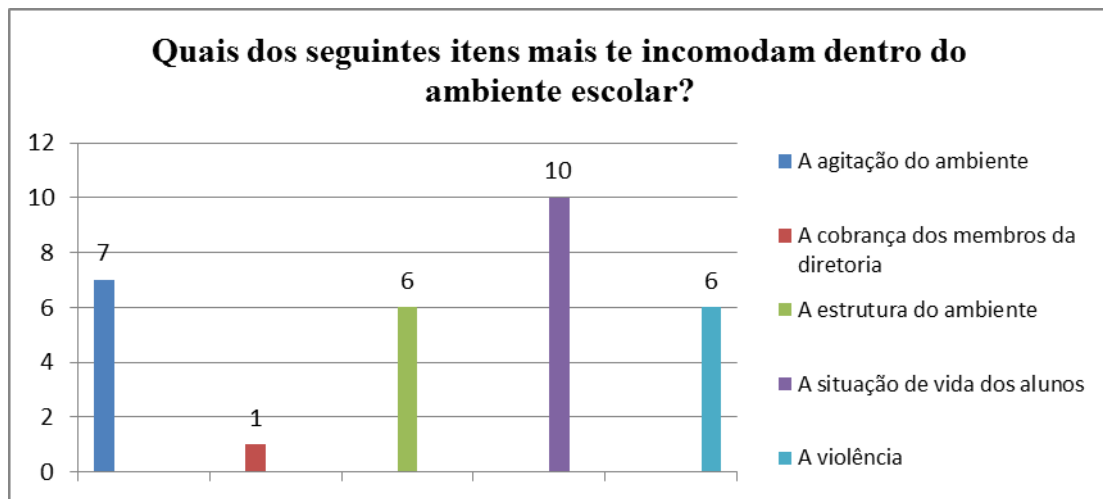


Gráfico 10 – Quais dos seguintes itens mais te incomodam dentro do ambiente escolar?  
 Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

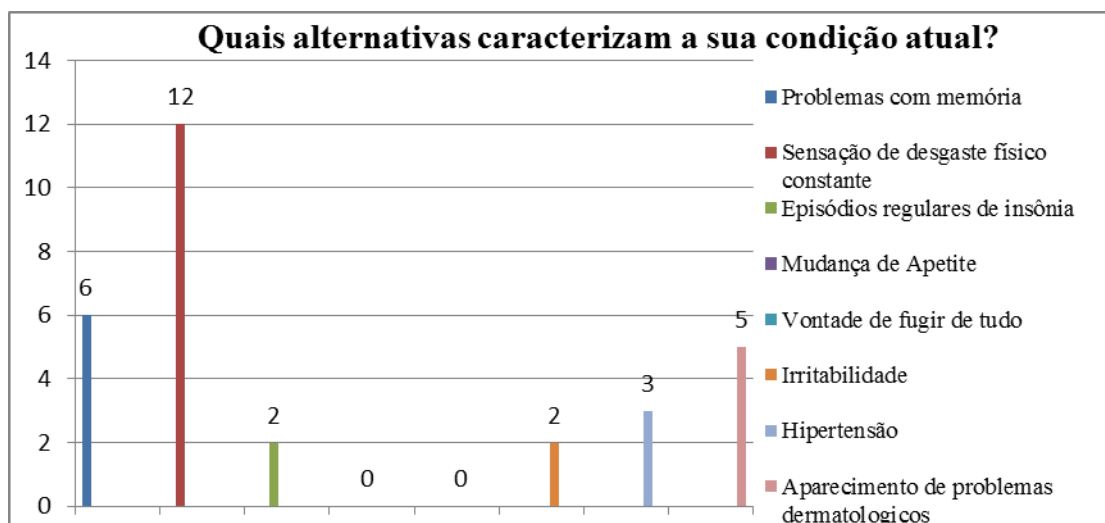


Gráfico 11 – Quais alternativas caracterizam a sua condição atual?  
 Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.



Gráfico 12 – Você se sente uma pessoa estressada?  
Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

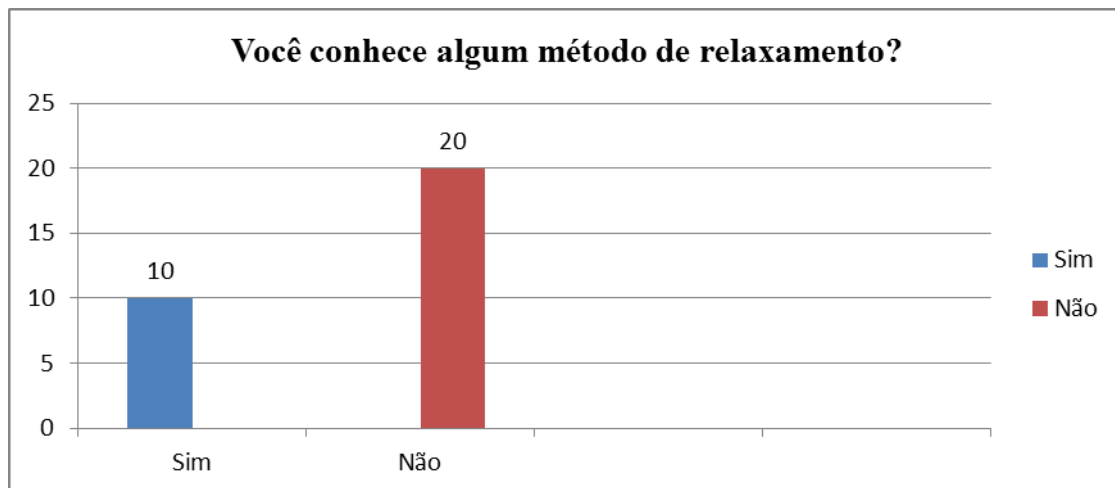


Gráfico 13 – Você conhece algum método de relaxamento?  
Fonte: SANTOS; VIDAL, 2016.

No Quadro 2 e nos Gráficos de 9 a 13, buscamos evidenciar a corporeidade do professor ou como este vem percebendo seu corpo, explicitando também características do ambiente escolar. Na primeira questão desta categoria, foi questionado o que eles fazem para relaxar. Esta foi uma questão subjetiva, sendo assim, as respostas foram as mais diversas e pessoais, como, por exemplo, muitos dormem, viajam, ficam com a família, leem, assistem, praticam alguma atividade corporal. Todas as respostas foram dadas a partir do conhecimento deles e do que consideram como algo que os façam relaxar. A questão dois é sobre o conceito ou significado do corpo deles, a maioria classificou como sendo o templo da alma, um instrumento para realizar desejos e vontades. Sendo assim, percebemos que a compreensão da maioria ainda é ligada ao corpo objeto ou corpo máquina, uma visão fragmentada de corpo, que não transcende o que este é realmente.

Na base de toda a compreensão da realidade está o sentir, esta realidade pré-objetiva que temos que descobrir em nós mesmos, a partir do nosso mundo-

vida, da nossa corporeidade. A concepção fenomenológica de corpo supera a tradição cartesiana do corpo-máquina e do conhecimento da realidade pautado na lógica racionalista que opõe corpo e mente, sujeito e objeto do conhecimento, entrelaçando corpo e mente, razão e sensibilidade, sujeito e objeto do conhecimento (NÓBREGA, 2005, p. 59).

A terceira questão trata de fatores que mais incomodam os professores no ambiente escolar. Uma parte respondeu que é a situação de vida dos alunos, outros assinalaram que é a agitação do ambiente, a estrutura e a violência. Desta forma, fomentando o que se vem discutindo, o professor acaba transferindo os problemas dos alunos e do ambiente para si.

Segundo Meleiro (2002), os alunos procuram professores (principalmente professoras) como confidentes, para expor suas angústias, seus problemas e o que vêm enfrentando. Alguns desses professores e professoras possuem habilidades para lidar com essas situações dos alunos, porém outros professores sentem-se imobilizados diante dessas situações, como, por exemplo, diante da gravidez de uma adolescente que não deseja que seus pais saibam do fato. É comum os professores transferirem os problemas para si, o que não muito aconselhável fazer, deve-se ajudar aos alunos a enfrentar os problemas e auxiliá-los para que os resolvam com o apoio da família também.

A questão seguinte quer saber como os professores caracterizam a condição atual deles. A maior parte assinalou que vem apresentando sensação de desgaste físico constante, seguidos de problemas de memória e problemas dermatológicos. Podemos observar, mais uma vez, que o corpo vem demonstrando fortemente reações diversas, como doenças das mais variadas formas e que, em suma, provocam o desgaste do corpo, comumente, por conta do stress ocupacional.

A penúltima questão pergunta de forma objetiva se os professores sentem-se pessoas estressadas. Um pouco mais da metade respondeu que sim, sentem-se pessoas estressadas. Pode-se constatar que, apesar de algumas respostas dadas anteriormente, eles se consideram pessoas estressadas, talvez porque a profissão docente demande muito mais do que foi dito até então.

E, por fim, a última questão indaga se eles conhecem algum método de relaxamento. A maioria respondeu que não conhece nenhum método. Dessa forma, mais uma vez, fomentando nossos questionamentos, podendo também este ser um fator para uma melhor compreensão da sua corporeidade, bem como um fator relevante para que seja ocasionada a fadiga crônica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa buscou apontar como os professores estão enfrentando o exercício da docência, como estão lidando com os fatores estressores. Assim, a partir do tema selecionado, buscamos relacionar o que apreendemos da literatura com os dados obtidos através dos questionários respondidos pelos professores participantes.

Podemos constatar que os professores vêm enfrentando com dificuldade o exercício docente, alguns lecionam em mais de uma escola, sentem-se cansados, com desgaste físico e não dispõem de tempo para realização de alguma atividade física. A grande maioria reclama da desvalorização da profissão, tanto pessoal quanto salarial, relatam também da falta de ambiente seguro e limpo, falta de reconhecimento dos alunos e das famílias dos alunos. Outro fator que mais incomoda é a situação de vida dos alunos e a agitação do ambiente. A insatisfação com o trabalho é visível nas respostas dos professores participantes, a grande maioria deu notas não muito altas para o seu local de trabalho.

Em relação à corporeidade, os professores parecem ter uma visão ainda fragmentada do que vem a ser o corpo. A maioria assinalou questões provindas de uma perspectiva cartesiana, na qual o corpo é o templo da alma, um instrumento “sagrado” para a realização dos desejos e vontades. Apenas para alguns, o corpo é considerado a expressão do ser, destacando o pouco entendimento do que vem a ser o corpo dentro de uma perspectiva da unidade.

Podemos concluir, portanto, que esta pesquisa ainda revela passos iniciais do que é a realidade docente, mas já nos dá suporte para pesquisas mais profundas sobre o tema. Outra relevância é que, através desta pesquisa, estamos fomentando a preocupação com o exercício da docência. Dessa forma, buscamos alertar as autoridades, o governo e a própria sociedade o quanto o professorado brasileiro vem sofrendo e que não se trata apenas de péssimas condições de trabalho, mas de muitos outros aspectos subjetivos que vão além da insatisfação com a baixa remuneração financeira e problemas orgânicos.

## REFERÊNCIAS

CARLOTTO, M. S. **Síndrome de burnout**: o estresse ocupacional do professor. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. Á. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

GOMES, A. R.; SILVA, M. J.; MOURISCO, S.; SILVA, S.; MOTA, A. Problemas e desafios no exercício da actividade docente: um estudo sobre o stresse, “burnout”, saúde

física e satisfação profissional em professores do 3º ciclo e ensino secundário. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 19, n. 1, p. 67-93, jun. 2006.

LIPP, M. E. N.; MALAGRIS, L. E. N. O stress emocional e seu tratamento. In: RANGÉ, B. (Org.). **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEIRA, S. R. Implicações do stress de professores e alunos no processo de alfabetização. In: LIPP, M. E. N. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2002. p. 29-39.

MELEIRO, A. M. A. S. O stress do professor. In: LIPP, M. E. N. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2002. p. 11-27.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. Classificação da pesquisa. In: MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. p. 69-94

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e educação física do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2005.

NÓVOA, A. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: Sinpro/SP, 2007. Disponível em: <[http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto\\_novoa.pdf](http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf)>. Acesso em: 05 fev. 2017.

NUNES, F. P. S. O stress do professor do ensino fundamental: o enfoque da ergonomia. In: LIPP, M. E. N. (Org.). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2002. p. 81-94

SANTOS, L. A. M.; CAMINHA, I. O.; FREITAS, A. G. B. O Corpo Próprio como princípio educativo: reflexões a partir das contribuições de Merleau-Ponty. In: HERMIDA, J. F.; ZOBOLI, F. (Org.). **Corporeidade e Educação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 77-114.